

## UM CONVITE PARA CONHECER OS MISTÉRIOS DA CIDADE POPULAR E ANTIFASCISTA: OS 80 ANOS DE BAHIA DE TODOS OS SANTOS DE JORGE AMADO

*An invitation to discover the mysteries of the popular and anti-fascist city:  
the 80 years of Bahia de Todos os Santos by Jorge Amado*

**Matheus de Mesquita e Pontes**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - IFMT**

### RESUMO

Jorge Amado foi o escritor brasileiro mais lido e traduzido no mundo no século XX. Conhecido por seus romances com comprometimento político e por outros que abordam peculiaridades do cotidiano baiano, a obra *Bahia de Todos os Santos* foi o primeiro e único guia produzido pelo escritor. O livro é um marco nas relações afetivas entre o autor e Salvador, sendo reelaborada por seis oportunidades ao longo da sua vida literária. Contudo, neste breve artigo, vamos centrar a análise na primeira versão redigida ao final da Segunda Guerra Mundial e observar seus traços da luta antifascista e de descrição da vida popular na capital baiana.

**Palavras-chave:** História; Literatura; Guia.

### ABSTRACT

Jorge Amado was the most read and translated Brazilian writer in the world in the 20th century. Known for his novels with political commitment and others that address peculiarities of Bahian daily life, the work *Bahia de Todos os Santos* was the first and only guide produced by the writer. The book is a milestone in the emotional relationships between the author and Salvador, being reworked on six occasions throughout his literary life. However, in this brief article, we will focus the analysis on the first version written at the end of the Second World War and observe its features of the anti-fascist struggle and description of popular life in the capital of Bahia.

**Keywords:** History; Literature; Guide Book.

## INTRODUÇÃO

No século XX, o baiano Jorge Amado foi o escritor brasileiro mais traduzido e lido no mundo. Uma expressiva rede de editores e editoras vinculadas ou próximas ao movimento comunista internacional colaboraram neste processo. Nos anos de intensificação da ditadura de Getúlio Vargas e do desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, o autor optou pela militância política-literária colocando sua escrita a serviço do Partido Comunista do Brasil (PCB) e da luta antifascista.

Vivendo no exílio, no Uruguai e na Argentina, no início da década de 1940, Jorge Amado e vários outros companheiros de agremiação partidária resolveram regressar clandestinamente ao Brasil após Getúlio Vargas declarar guerra as nações do Eixo. Mesmo sendo perseguidos, presos e achincalhados pelo “Estado Novo”, o intuito dos comunistas era de atuar na derrota do fascismo internamente e internacionalmente, pressionando Vargas a enviar tropas aos campos de batalha na Europa e para isolar os integralistas do governo. A principal tática programática era a de “Unidade Nacional”, que incluía todos que ansiavam pela derrota das nações do Eixo, desde os liberais democratas ao próprio presidente.

Nos anos de guerra Jorge Amado opta predominantemente pela produção de textos curtos, como crônicas, artigos, poemas (a maioria não publicados) e até uma peça teatral. São textos de agitação política, a maioria seguindo as diretrizes delineadas pelo PCB. Neste recorte temporal, um ano antes do término da guerra, Amado vive em Salvador e deflagra a escrita de *Bahia de Todos os Santos*, um guia que aborda vários aspectos da capital baiana, colocando-a como o exemplo das lutas populares e antifascistas para o país. Em si, não é uma obra dogmática de partido, mas uma declaração de amor e de exaltação para com a localidade.

*Bahia de Todos os Santos* torna-se um marco nas relações afetivas entre o autor e a localidade que ele adotou como sua. Pois, em sua juventude, antes de consolidar-se como romancista, entre 1928-1931, frequentemente Amado desdenhava preconceituosamente sobre Salvador, em crônicas e anedotas de jornais do Rio de Janeiro e da própria localidade, depondo contra as construções históricas, seus intelectuais, a limpeza da urbe e até contra sua população com requintes de racismo e eugenia (Pontes, 2018).

Apesar dos seis primeiros romances, cinco terem como pano de fundo o cotidiano de Salvador, o autor não tinha como centralidade a exaltação do local. *Bahia de Todos os Santos*, para além de ser um marco na relação entre o escritor e sua localidade, também servirá como instrumento para difusão turística da cidade e para seu futuro tombamento histórico junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), enquanto patrimônio da humanidade.

*Bahia de Todos os Santos* faz oitenta anos de existência. Enquanto Amado esteve vivo foi uma obra em metamorfose. De acordo que as conectividades entre autor e sociedade, e, autor e afetividade como o local se aprofundavam, a obra em seus aspectos de texto e imagens ia

sendo ajustada. Entretanto, relembrar a primeira versão do livro com seu compromisso popular e antifascista, torna-se um dever de memória na nossa contemporaneidade abalada pelas constantes ameaças de retrocesso.

### A BAHIA DO POVO: ONDE O FASCISMO NÃO TEM VEZ<sup>1</sup>

Em 1944 Jorge Amado concluía a primeira versão de *Bahia de Todos os Santos: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*, sendo lançado em 1945 pela Martins Editora, seguindo a reedição de outras dez obras suas, incluindo a primeira edição em português de *Vida de Luís Carlos Prestes: o cavaleiro da esperança*<sup>2</sup>, que havia saído em junho daquele ano (Rubim; Carneiro, 1992).

Escrita nos anos de atuação no jornal *O Imparcial*, o livro *Bahia de Todos os Santos* carrega algumas peculiaridades próximas às suas crônicas de guerra<sup>3</sup>. Primeiramente, Amado continuava avançando na sua criação literária com gêneros distintos, então misturando textos curtos, com formato parecido com o da crônica, visando à apresentação da cidade de Salvador, numa espécie de guia turístico<sup>4</sup>. A prosa poética dos romances e das crônicas permaneceu ao mesclar o real e o ficcional. O recurso narrativo da presença de uma leitora amiga com a qual o autor dialogava no transcorrer da narrativa – presente nas biografias romanceadas de Castro Alves (1941) e de Luís Carlos Prestes (1942) – também se encontra no guia.

Benedito Veiga (2016), no comparativo entre as crônicas de guerra e o guia, aponta a convergência de três eixos temáticos: o elogio à mestiçagem, relatos dos cultos afro-brasileiros ameaçados pelo avanço do fascismo e a valorização biográfica de alguns personagens e agrupamentos baianos na luta antifascista e em prol da democracia.

A partir da abordagem de Veiga, apresentamos como exemplo as crônicas de guerra “Hitler contra Zumbi dos Palmares” e “Senhor do Bonfim, padroeiro das Nações Unidas”. Na primeira, Jorge Amado expõe a mestiçagem racial brasileira e do povo da Bahia que contrasta com a segregação e a defesa da inferioridade social e racial dos negros defendidas pelo nazifascismo alemão. Ao citar seis itens do livro *Minha luta*, de Hitler, Amado acentuou que o triunfo bélico alemão seria o

<sup>1</sup> O texto abaixo a seguir compõem parte da minha tese de doutorado intitulada *Jorge Amado: entre engajamentos e a militância comunista (1929-1956)*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), em 2018.

<sup>2</sup> Foi o livro mais lido de Jorge Amado no processo de redemocratização no Brasil e do fim da guerra, mas sua primeira edição foi em espanhol, em 1942, por uma editora argentina, e era proibida no Brasil durante o auge da ditadura do “Estado Novo” (Pontes, 2018).

<sup>3</sup> Em agosto de 1942 Jorge Amado regressa do exílio na Argentina para o Brasil e, entre seu retorno até 1944, o escritor escreveu 465 crônicas sobre a Segunda Guerra Mundial no jornal *O Imparcial*, de Salvador, na sua coluna diária denominada “Hora da Guerra” (Pontes, 2018).

<sup>4</sup> O arquiteto e pesquisador Osnildo Adão Wan-Dall Junior acredita que o texto de *Bahia de Todos os Santos* é um gênero literário “misto”, crônicas redigidas num formato de guia, sendo que “o Guia se apresenta e de fato é catalogado como um guia de viagens, ou um guia descritivo sobre a cidade de Salvador, sendo, contudo, um guia literário, o que o distingue dos guias de viagem escritos especificamente para turistas” (Wan-Dall Junior, 2016, p. 67-68).

retorno à escravidão negra e à destruição do legado emancipatório de Zumbi. Em tom de combate, o cronista escreveu: “Também os descendentes de Zumbi dos Palmares, negros e mulatos do Brasil, junto com os brasileiros brancos que nunca cultivaram as diferenças e os preconceitos raciais, querem provar ao monstro ariano e nazi que não nasceram para escravos” (Amado, 2008b, p. 66)<sup>5</sup>.

Sobre o padroeiro do povo baiano, o Senhor do Bonfim, este se tornou, pela escrita do autor, o protetor milagroso e também padroeiro das Nações Aliadas. O cronista narrou a festança popular realizada em nome do santo em janeiro, no primeiro ano de envolvimento do Brasil com a guerra: a procissão da Conceição da Praia, a lavagem da Igreja e a “vela da vitória” para que descessem as bênçãos sobre as armas das “nações livres”, ritos populares mesclados aos gritos de vivas aos nomes de generais e das Nações Aliadas<sup>6</sup>. Tratava-se de uma festança popular e sincrética que, na visão do cronista militante, estava ameaçada com o desfecho do conflito:

Pode-se dizer, repetindo a frase de uma baiana, que Hitler e o nazifascismo são inimigos do Senhor do Bonfim. Sob o nazismo, a festa de ontem, popular e lírica, seria impossível. Sob o nazismo, apenas há lugar para os desfiles das tropas de assalto, só há voz para os vivas ao Führer, tomando o lugar dos santos (Amado, 2008c, p. 35)<sup>7</sup>.

Entre os personagens com lastro baiano citados constantemente em sua coluna “Hora da Guerra”, apresentados como exemplos históricos na propalada “unidade nacional” com Getúlio Vargas, estão Castro Alves e Rui Barbosa, presentes em mais de três dezenas de crônicas (Veiga, 2015). Em *Bahia de Todos os Santos*<sup>8</sup> não existe a defesa permanente da “unidade nacional” com o envio de tropas brasileiras aos campos de batalha na Europa, muito menos a provocação permanente dos ressentimentos coletivos e individuais para estimular o ódio e a ação do leitor. O guia não é de escrita militante como as crônicas, apesar do engajamento pró-Nações Aliadas no conflito.

O principal eixo de abordagem da obra não é a guerra, mas a louvação engajada da antiga capital colonial: cidade mestiça racialmente, sincrética no plano religioso, cultural e político, além de acolhedora, uma antítese por excelência ao modelo pleiteado pelo nazifascismo alemão; local que iniciou a projeção do jurista liberal Rui Barbosa e do poeta revolucionário Castro Alves, cidade dúbia politicamente, mas nunca fascista na visão de Amado.

Entre o espírito libertário e o espírito liberal vive a Bahia. Nunca fascista, se bem por vezes reacionária, saudosista, enamorada de fórmulas passadas. Mas, por outro lado, revolucionária, afirmativa, progressista e até

---

<sup>5</sup> Publicada originalmente no jornal *O Imparcial* em 27 fev. 1943.

<sup>6</sup> A crônica “Carta do marinheiro à Iemanjá” (Amado, 2008a), de 3 fev. 1943, parte da mesma premissa se comparada com a crônica sobre o Senhor do Bonfim.

<sup>7</sup> Publicado originalmente no jornal *O Imparcial* em 15 jan. 1943.

<sup>8</sup> Para redigir o artigo, optamos por usar a primeira edição da obra como fonte primária de estudo.

violenta. Essas duas figuras do passado e tudo que elas representam dominam a mentalidade da Bahia: o poeta libertário Castro Alves e o tribuno Rui Barbosa (Amado, 1945, p. 26).

Não é uma Bahia só de gente ilustre. No guia, personagens do folclore popular aparecem, como o capoeirista Samuel Querido de Deus, o boêmio estudante Mirandão com seus amores fracassados e sua eterna coleta financeira para acabar as provas finais do seu curso de agronomia no interior, o colega de redação no jornal *O Imparcial*, o rábula Cosme de Faria, vulgo Major, com seus milhares de *habeas corpus* em prol do *lumpemproletariado* pobre da cidade, além do poeta cordelista Cuíca de Santo Amaro, que perambula com seus escritos entre a região do Mercado Modelo e o cais. Cuíca, que nas crônicas de guerra não recebeu menção alguma, na representação do guia da Bahia seria uma espécie de autor *best-seller* do povo pobre que não tinha dinheiro para comprar livros ou jornais diários. Sempre a escrever coisas do cotidiano, abordava crimes passionais, brigas de boteco, furtos, notas do cangaço, mas, naqueles anos de guerra era, antes de tudo, um companheiro de Amado na difusão do sentimento antifascista.

Então Cuíca de Santo Amaro abandona, ante o tema mais importante da guerra, seus assuntos anteriores. E sua poesia atualmente fala de Roosevelt, de Stálin, de Churchill, desmascara o fascismo e a quinta-coluna. Sua atual fase é marcada por um forte sentimento antifascista e ninguém, no seu caso, pode falar em adesão de última hora (Amado, 1945, p. 208).

Alguns agrupamentos sociais também tiveram relevância no guia. Os “Capitães da Areia”, protagonistas do romance de 1937, ganharam um capítulo à parte e foram postos como presença marcante em diversas partes da urbe. Os pais e mães-de-santo dos terreiros de candomblés compõem uma lista de 117 endereços aos interessados em visitá-los, com destaque para o terreiro de Joãozinho da Gomeia ou da Pedra-Preta, que foi filho-de-santo e sucessor do falecido Jubiabá – que serviu de inspiração para a trama de 1935 –, candomblé no qual Amado recebeu o título de ogã (Amado, 1945). Os combativos estudantes baianos, citados nas crônicas de guerra, também foram lembrados no guia, com as descrições dos cursos existentes na cidade, assim como a exaltação da postura antifascista da categoria. Relembrando, Amado escreveu:

Quando o Brasil declarou guerra ao Eixo os estudantes baianos que haviam clamado pela declaração vieram para a rua, à frente do povo, em inesquecíveis demonstrações que derrubaram o governo estadual da época considerado suspeito de integralismo. [...] É preciso não esquecer que esta é a cidade que deu os estudantes Castro Alves e Rui Barbosa (Amado, 1945, p. 271).

Os frequentadores da praça Castro Alves durante a madrugada, em busca de um restaurante popular ali instalado, também tinham como tema principal as conversas sobre a guerra. Boêmios, jornalistas, taxistas, estudantes e uma mulata cozinheira repassavam a boataria do dia sobre o conflito e destilavam suas bravatas antifascistas: “– Quero ver Hitler é fuzilado... – E o tal Franco da Espanha balançando numa corda...”

(Amado, 1945, p. 101). Nem só da guerra viviam as recordações de Amado. As lembranças do Bar Bahia e os encontros com seus amigos literatos de juventude, liderados por Pinheiro Viegas, foram pela primeira vez citados diretamente num livro do romancista. Por mais que reconhecesse que o pequeno boteco era frequentado pelos integrantes dos primeiros grupos da literatura moderna baiana, Amado não chegou a citar o nome da Academia dos Rebeldes<sup>9</sup> e as particularidades dos seus membros.

Distante do jovem Jorge Amado cético e elitista que preconceituosamente coisificava a capital baiana num “mulatismo” degenerado – nas crônicas do jornal *O Momento* (1929-1931) e no romance *O país do Carnaval* (1931) –, nesse momento, nos seus quase 33 anos, o escritor exaltava e defendia os nomes populares das ruas, avenidas, largos e praças da cidade, em contraposição às designações impostas pela pretensa intelectualidade e pelo poder público. Nem a Ladeira do Pelourinho, que leva o forçoso nome oficial de Ladeira José de Alencar, em homenagem ao grande romancista, foi perdoada pela crítica do escritor em seu guia. Inclusive o nome da cidade foi apontado como alvo de elitização pelos filólogos que optaram por denominá-la Salvador ou cidade de São Salvador, enquanto Amado, colocando-se como porta-voz do povo, preferiu chamá-la de Bahia ou Bahia de Todos os Santos. “Essa é a cidade da Bahia. Assim a trata o povo de suas ruas desde a sua fundação a 1º de novembro de 1549” (Amado, 1945, p. 39).

Na narrativa do guia, o autor descreveu lugares com grande fluxo de pessoas, ruas comerciais, como a rua do Chile, vista como “o coração da cidade” (Amado, 1945, p. 89), as ladeiras do Taboão e do Pelourinho, as praças e os largos – do atual centro histórico –, as feiras livres, os mercados, fontes d’água históricas, o cais e as praias. Falou sobre festas populares religiosas – algumas extintas ou em declínio –, festas cívicas. Caracterizou bairros das elites econômicas, da “pequena-burguesia” – pequenos comerciantes, funcionários públicos –, do proletariado e o subúrbio paupérrimo.

E, para dar “sabor” à leitura, o escritor presenteou o leitor com 13 receitas de comidas afro-baianas, como vatapá, moqueca de peixe, acarajé e mungunzá, salgadas e doces, cujo prazer na degustação não se alcança apenas com as receitas, sendo necessários os dotes da cozinha local, isto é, só indo à Bahia para garantir o deleite do saborear os pratos. Foi a primeira vez que Amado valorizou a comida local na sua escrita – especificidade que ganhou corpo nos seus romances a partir de *Gabriela*, *cravo e canela* (1958).

A cidade da Bahia é mágica, mestiça, misteriosa, “mãe das cidades do Brasil, portuguesa e africana, cheia de histórias, lendária, maternal e valorosa. Não há cidade como essa por mais que a procureis nos caminhos do mundo” (Amado, 1945, p. 31). Classificou a cidade como a “Roma negra”. É a cidade que o romancista abordou mais tarde nos romances *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos milagres* (1969) e em *A morte e a*

---

<sup>9</sup> Em outras edições de *Bahia de Todos os Santos*, o autor citou a Academia dos Rebeldes e outros agrupamentos literários da cidade, assim como o perfil dos seus amigos de juventude literária. A Academia dos Rebeldes é o primeiro círculo literário que Jorge Amado teve envolvimento.

morte de Quincas Berro D'Água (1959). Ela foi descrita no guia como a cidade das revoltas e das revoluções, local das últimas batalhas pela independência do Brasil em julho de 1823, terra das revoltas dos negros Malês, dos liberais da Sabinada e dos poetas revolucionários, Gregório de Matos, Castro Alves, Junqueira Freire e Jacinta Passos (AMADO, 1945). Essa perspectiva popular e combativa foi explorada anteriormente nas tramas dos anos de 1930, Suor (1934), Jubiabá (1935), Mar morto (1936) e Capitães da areia (1937).

Não se resume a elogios, sabores, magia e revoltas o guia de Jorge Amado. Hotéis, restaurantes, cinemas, teatros, bondes, ônibus e até os cabarés da cidade da Bahia foram elogiados ou severamente criticados pelo escritor. Sua maior lástima estava na imensa pobreza em que vivia o povo. A fome, segundo o escritor (Amado, 1945) naquele início da década de 1940, ajudava a matar um baiano tuberculoso a cada seis horas – o maior índice das capitais brasileiras –, além da alarmante mortalidade infantil focada nos bairros operários e nos subúrbios. “Em mil crianças nascidas na cidade da Bahia, 385,38 morrem antes de completar um ano. [...] Os enterros de crianças são o espetáculo mais comum desses bairros” (Amado, 1945, p. 80).

Bahia de Todos os Santos é um guia engajado, voltado a descrever uma cidade contraditória. Combativa contra o fascismo, porém conservadora com seu saudosismo em relação ao passado; alegre com sua gente e suas festas populares, mas pobre, muito pobre, em consequência das desigualdades sociais do sistema capitalista. Mas, como aponta Jacques Abdelkrim Saidi Salah (2016, p. 17), a cidade do guia “também [é] criada e desejada por ele e até certo ponto mitificada sob a forma de um protagonista [a própria urbe] proteiforme e mutante”<sup>10</sup>, isto é, uma cidade inventada e reinventada de acordo com o tempo, o gosto e as mediações do escritor.

## AS REVISÕES DA OBRA

O guia é a única obra de Jorge Amado que sofreu transformações permanentes ao longo da sua vida literária. Se o texto lançado em 1945 fazia mediação constante com os acontecimentos da guerra – mesmo sem predomínio temático –, suas novas versões foram explorando outras particularidades da cidade. Segundo o arquiteto e pesquisador Osnildo Adão Wan-Dall Júnior (2016), o texto passou por seis atualizações<sup>11</sup>. Em mais de 40 edições, os vários desenhos de Manuel Martins (até 1977) foram substituídos pelas fotografias de Flávio Damm e, como observamos, até a dedicatória feita a Matilde Garcia<sup>12</sup> – apontada como “quase baiana” – foi substituída pela dedicatória a Zélia Gattai<sup>13</sup> e seus filhos. Para o pesquisador, o guia de Amado, apesar de pioneiro, faz parte de um conjunto de obras impulsionadas por intelectuais no intuito de valorizar

<sup>10</sup> Para Salah (2016), o “guia” seria uma espécie de “autobiografia relacional” de Amado com a cidade.

<sup>11</sup> Em 1960 na 8ª edição, em 1966 na 12ª edição, em 1970 na 19ª edição, em 1977 na 27ª edição, em 1980 na 28ª edição e em 1986 na 34ª edição (Wan-Dall Junior, 2016).

<sup>12</sup> Primeira esposa de Jorge Amado.

<sup>13</sup> Última esposa de Jorge Amado.

suas regiões: Turista aprendiz (1943) de Mario de Andrade, Guia de Ouro Preto (1957) de Manuel Bandeira, Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife (1968) de Gilberto Freyre (Wan-Dall Junior, 2016). As últimas revisões do livro amadiano, nos anos de 1980, aproximam-se de um conjunto de políticas públicas desenvolvidas pelo governo estadual, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para restaurar e tombiar a região histórica do centro histórico de Salvador, assim como a inauguração da Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), em 1987, num casarão defronte o Pelourinho.

A filha de Jorge Amado, Paloma Jorge Amado (2012), relembra que nos últimos meses de vida do seu pai, ele lhe pediu para que fizesse mais uma atualização no guia. E ela respondeu: “Pedi que não, ele entendeu. Minha cidade é parecida com a dele, mas não é a mesma. Esta é cantada aqui, em canto de amor, é a sua cidade” (Amado, 2012, p. 364). Em síntese, Amado fez uma ode à cidade que ele adotou como sua. Bahia de Todos os Santos é um texto engajado em qualquer uma das suas seis versões. Todavia, na edição de 1945, fechou-se o ciclo de transição oscilante do engajamento para a militância literária. Com o findar da guerra, a disciplina partidária no Partido Comunista se consolidou e a Bahia só voltou a ser descrita, cantada e elogiada após as denúncias dos crimes de Stálin em 1956.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**: Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1945.

\_\_\_\_\_. Carta do marinheiro à Iemanjá. In: FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (org.). **Hora da guerra**: a Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a. p. 49-51. Artigo publicado originalmente no jornal O Imparcial em 3 fev. 1943.

\_\_\_\_\_. Hitler contra Zumbi dos Palmares. In: FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (org.). **Hora da guerra**: a Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b. p. 66. Artigo publicado originalmente no jornal O Imparcial em 27 fev. 1943.

\_\_\_\_\_. Senhor do Bonfim, padroeiro das Nações Unidas. In: FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (org.). **Hora da guerra**: a Segunda Guerra Mundial vista da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008c. p. 49-51. Artigo publicado originalmente no jornal O Imparcial em 15 jan. 1943.

AMADO, Paloma Jorge. Um canto de amor à cidade [posfácio]. In. AMADO, Jorge. **Bahia de Todos-os-Santos**: guias de ruas e mistérios de Salvador. 43. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PONTES, Matheus de Mesquita e. **Jorge Amado: entre engajamentos e a militância comunista (1929-1956)**. (Tese de doutorado em História). Goiânia-GO, Universidade Federal de Goiás (UFG), 2018.

RUBIM Rosane; CARNEIRO, Maried (org.). **Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa**. Salvador-BA: Casa das Palavras, acervo Jorge Amado, 1992.

SALAH, Jacques Abdelkrim Saidi. Da Bahia de Todos-os-Santos à Bahia de Jorge Amado. In: FRAGA, Myriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina (org.). **Jorge Amado**. Bahia de Todos-os-Santos: guias de ruas e mistérios. Salvador-BA: Casa das Palavras: 2016. p. 15-24.

VEIGA, Benedito. Jorge Amado: Bahia de Todos-os-Santos e os matizes da Hora da Guerra. In: FRAGA, Myriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina (org.). **Jorge Amado**. Bahia de Todos-os-Santos: guias de ruas e mistérios. Salvador: Casa das Palavras: 2016. p. 91-105.

WAN-DALL JUNIOR, Osnildo Adão. Jorge Amado e as Bahias de Todos-os-Santos. A cidade do Salvador através do guia e ruas e mistérios (1945-1986). In: FRAGA, Myriam; FONSECA, Aleilton; HOISEL, Evelina (org.). **Jorge Amado**. Bahia de Todos-os-Santos: guias de ruas e mistérios. Salvador: Casa das Palavras: 2016. p. 63-89.

#### **Contato do autor:**

**Autora: Matheus de Mesquita e Pontes**  
**E-mail: matheus\_catalao@hotmail.com**

Manuscrito aprovado para publicação em: 20/12/2024